

Rumos da economia



É hora de enfrentar o resíduo da indexação. Por Antonio Delfim Netto

Um voto de confiança

Na organização do Universo, Deus foi muito duro com os "cientistas sociais", dentre os quais destacam-se os economistas. Para benefício desses filhos, entretanto, construiu um "homem" que age com racionalidade limitada num espaço permanentemente preenchido pela incerteza e, para superá-la, abriga-se na imitação e nos costumes. Com um legítimo processo de abstração ignoramos as palavras "limitada", "incerteza" e "imitação". Construímos uma hipótese poderosa: o homem age a partir de um cálculo racional absoluto, obedece a incentivos, procura maximizar os seus benefícios, tem uma realção com outros homens. Como, suspeitou, (numa nota de rodapé) o ilustre Thomas Robert Malthus (1766-1834), isso abria espaço para tentar entendê-lo aplicando o cálculo diferencial criado por Newton (1642-1727).

O conhecimento da economia avançou dramaticamente explorando aquela hipótese, até assumir o respeitável título de "rainha" das ciências sociais. A "ciência" de Adam Smith predou, primeiramente, a psicologia e depois exerceu seu imperialismo sobre a antropologia, a arqueologia, o direito, a geografia, a história, a sociologia e a política! Enquanto isso ela mesma estava sendo prevenida sem perceber, pela bela e irresistível Matemática! Foi um porre que durou pelo menos um século. Terminou quando delineou na formulação do "equilíbrio geral" num espaço topológico e tentou tirar dele recomendações "normativas" para a política econômica. Isso deu nascimento a uma revisão da hipótese básica. Redirecionou a observação e o estudo sobre a realidade em que se forma o comportamento do agente econômico, absorvendo e reintegrando lentamente o conhecimento das ciências sociais que havia predado.

Já esqueceram que o "maestro" Greenspan afirmou em 2005 que "havia dez anos de prosperidade..."

Nada pode demonstrar melhor essa tragédia do que as dúvidas manifestadas por brilhantes economistas (do "mainstream"), à conferência "Repensando a Política Macroeconómica". Ela foi organizada às expensas do Fundo Monetário Internacional, por Olivier Blanchard, David Romer, Joseph Stiglitz e Michel Spense. No final de março (23/03) Blanchard publicou um minúsculo e devastador artigo "O Futuro da Política Macroeconómica: Nove Conclusões Tentativas", resumindo os resultados daquela conferência (obviamente, uma visão pessoal, mas sem dúvida nenhuma).

A política econômica

O que chamamos de "política econômica" é tentativa dos governos de usarem o conhecimento acumulado pelos que estudaram os fenômenos econômicos no mundo ocidental, pelo menos desde Platão. Nos 25 séculos dessa história, mudou o mundo, mudaram as instituições e mudaram os valores do homem na linha sinuosa de um processo civilizatório. O avanço da economia (entendida como o repositório das ideias não rejetadas pela experiência) foi proporcionando aos governos várias receitas historicamente condicionadas de "boa governança".

A partir dos anos 90 do século passado cristalizou-se a ideia que eles poderiam controlar as variações da conjuntura econômica manobrando a política fiscal (sua receita e despesa e controlando seu endividamento), a política monetária (taxa de juros que determina a massa monetária e influi na "expectativa" de inflação) e deixando a taxa de câmbio flutuar. Ao Estado caberia apenas cuidar da produção de bens públicos (inclusive a es-

A renovação

Os economistas, ao pretendendo criar uma "ciência", construíram uma "religião": uma "ciência econômica" que acreditava em leis naturais que governavam o funcionamento do sistema econômico. Tal crença apoiada numa formulação tímida, foi levada ao exagero para lhe dar mais credibilidade. Perdeu-se o reduziu à heterodoxia visões alternativas do mundo e produziu o mito "pensamento tímido" que empobreceu a economia política. Esta agora a desfazer-se a olhos vistos, sob a pressão de brilhantes ortodoxos! Esses tentam, desesperadamente, entender como foi possível a crise de 2007/09 que emergiu como uma "surpresa" numa conjuntura que parecia de plena tranquilidade e atribuída ao sucesso daquela "ciência monetária". A memória é curta. Todos já esqueceram que o "maestro" Greenspan afirmou em 2005 que "havia dez anos de prosperidade à frente"...

Esse instrumento é potencialmente falso, mas levantam problemas por seu custo político. Por outro lado, podem ser mal utilizados. Ficou claro nas discussões que muitos pensam que existem razões plausíveis para o controle de capitais, ou para a política industrial (que todos sabemos ter limites), mas o governo pode escorregar-lhes porque não lhe convém, politicamente, usar os instrumentos macroeconômicos corretos;

7º) Para onde vamos, então? Em termos de pesquisa econômica, o futuro é excitante. Há um imenso número de questões que devemos esclarecer e sobre as quais devemos trabalhar;

8º) Os problemas são difíceis. Como não sabemos bem como usar os novos instrumentos e eles podem, potencialmente, ser mal utilizados, como devem proceder os formuladores da política econômica? O melhor é uma política cuidadosa e de pequenos avanços. O pragmatismo é fundamental, e

9º) Devemos ser modestos em nossas expectativas. Vão acontecer novas crises que não antecipamos. A despeito de todo o nosso esforço podemos assistir a outras, no velho estilo das clássicas crises de crédito. Seria possível nos livrarmos delas com uma boa teoria dos agentes e uma reguladora correta ou só elas parte do comportamento humano (endógenas ao sistema de economia de mercado) de forma que não importa o que façamos, elas sempre nos visitarão?

Tudo isso pode parecer apenas confuso. Mas a verdade é que a instalação desse estado de dúvida ampla, geral e irrestrita deve levar à modéstia na formulação de recomendações normativas extraídas de modelos abstratos de vinculação discutível com a

realidade. Abre-se, assim, um vasto campo de conhecimento a ser retrabalhado e explorado.

Parece difícil de entender porque ainda não internalizamos em nossas consciências: 1º) que a macroeconomia (inclusive seus mais recentes modos) tem muito pouco a dizer sobre como funciona, de verdade, a economia real. Ela expressa mais a vontade de como supomos que o sistema deve funcionar do que como ele funciona; 2º) que o aparato econômico que às vezes aparece a sustentar a "calibração" é terrivelmente deficiente para levar a qualquer conclusão segura.

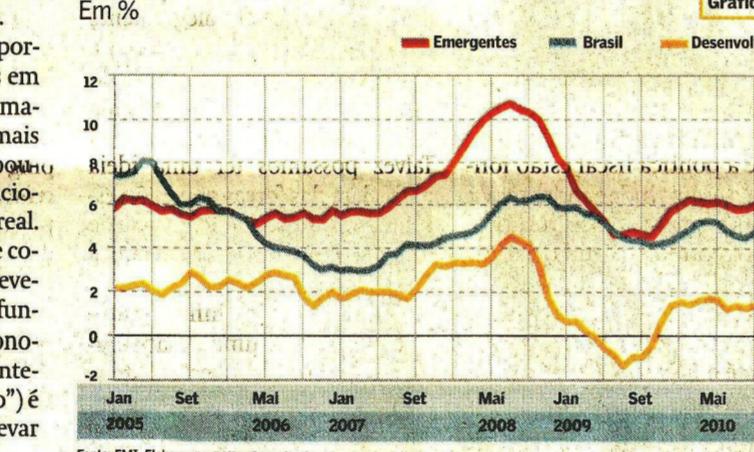
Não devemos, entretanto, desanimar ou nos deixar enganar por essa visão relativista (de aparição quase nihilista) com relação à "ciência econômica". O conhecimento acumulado nos últimos 300 anos, de cunho menos pretensioso, que transcende "escólas", "ideologias" e "idiossincrasias" - a velha economia política é, comprovadamente, rico de ensinamentos para a boa governança do Estado.

As políticas monetária e fiscal estão longe de serem independentes, a não ser a custos sociais insuportáveis

Nada pode demonstrar melhor essa tragédia do que as dúvidas manifestadas por brilhantes economistas (do "mainstream"), à conferência "Repensando a Política Macroeconómica". Ela foi organizada às expensas do Fundo Monetário Internacional, por Olivier Blanchard, David Romer, Joseph Stiglitz e Michel Spense. No final de março (23/03) Blanchard publicou um minúsculo e devastador artigo "O Futuro da Política Macroeconómica: Nove Conclusões Tentativas", resumindo os resultados daquela conferência (obviamente, uma visão pessoal, mas sem dúvida nenhuma).

A situação, entretanto, não é nada confortável quando analisamos as relações entre "objetivos" da política econômica e os "instrumentos" à disposição do governo para alcançá-los. Se temos dois objetivos, por exemplo, manter simultaneamente uma determinada taxa de inflação e um alto nível de emprego, precisamos de dois instrumen-

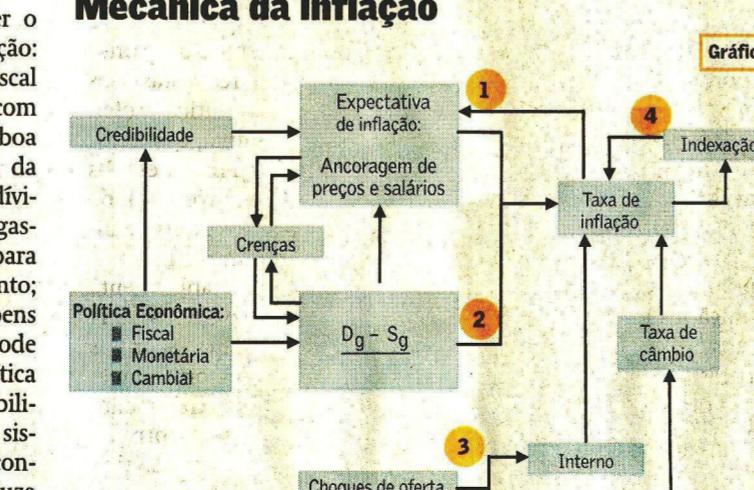
Inflação acumulada em 12 meses



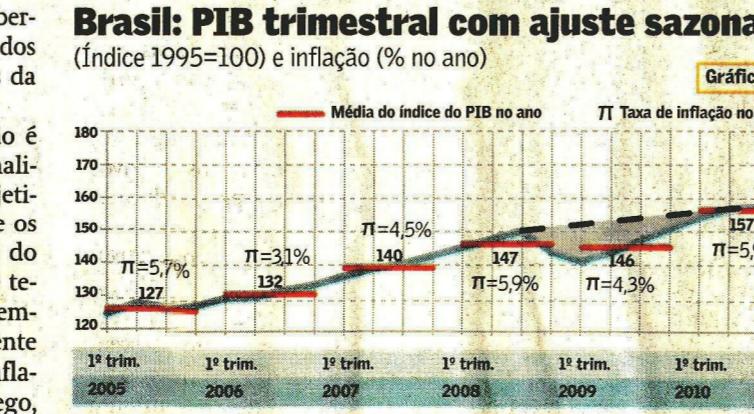
Inflação acumulada em 12 meses



Mecânica da inflação



Brasil: PIB trimestral com ajuste sazonal



tos independentes (isto é, a manobra de um instrumento não pode influenciar o outro). Por que não é possível fazê-lo usando a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Talvez possamos ter uma ideia mais clara das forças que estão estimulando a aceleração da taxa de inflação observando sua mecânica no gráfico 3.

Todo processo inflacionário tem três causas: uma desacordada das "expectativas" da taxa de inflação, um desequilíbrio sensível entre a demanda global (D_g) e a oferta global (S_g) e um choque de oferta interno (uma quebra de safra) ou externo (um aumento dos preços das exportações que é internalizado).

O problema da Brasil

Pode-se admitir que o governo cometeu alguns erros e pecados veniais na última década. O pior, na minha opinião, foi não ter eliminado todos os mecanismos de indexação quando a expectativa inflacionária estava bem ancorada nos 4,5%, não ter conseguido algumas reformas necessárias, particularmente a da previdência pública, além de ter insistido (pela necessidade de dar maior velocidade à ampliação da demanda) numa política anticíclica com gastos correntes permanentes. A verdade, entretanto, é que ele levou o Brasil a superar mais rapidamente do que seus parceiros a crise internacional de 2008/09. Nada, final, que não possa ser corrigido com cuidadosas políticas fiscal, monetária e cambial críveis e bem coordenadas.

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido alegremente com a receita simplista de cortar a demanda pública (as despesas do governo) e a demanda privada (aumentando a taxa de juros real).

Estamos diante de um fenômeno bastante complexo e que não pode ser resolvido a